

SABERES TRADICIONAIS SOBRE CURA, PRODUÇÃO E MANEJO DO AMBIENTE EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

CORRÊA, Luana Padilha¹; RUBERT, Rosane Aparecida²

¹Universidade Federal de Pelotas - Graduanda do Curso de Ciências Biológicas ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Antropologia e Arqueologia. rosru@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos uma série de crises que nos levam a necessidade de repensar valores e práticas. Uma dessas grandes crises é a crise ambiental, que de forma especial tem se agravado nos últimos anos devido ao tipo de relação que a espécie humana vem estabelecendo com as demais. Muitos são os desequilíbrios que estão sendo noticiados como consequências de condutas e práticas de manejo humano ao meio ambiente, questões que devem ser pensadas não apenas na superficialidade das relações diretas com a natureza, mas também de todo um sistema econômico que gera relações de morte tanto humana, quando dos demais seres vivos que estão no planeta.

Porém para além dessa perspectiva, existem grupos que estão organizados a partir de outra lógica e prática de relação com a natureza (DIEGUES, 2000). Pensando essa relação como interdependência, entendendo a teia da vida como algo complexo, e não apenas com uma visão antropocêntrica reduzida. Esses grupos estabelecem relações específicas, que envolvem também fatores culturais e religiosos, e são o que chamamos de *Conhecimentos Tradicionais*. Que são entendidos como conhecimentos controlados socialmente, relacionados a um sistema de valores, que são de direito, manutenção e controle coletivo (LITTLE, 2010).

A subárea do conhecimento que dedica-se ao estudo das relações das chamadas Comunidades Tradicionais com a natureza é a Etnobiologia, que se constitui a partir da união entre ciências naturais e ciências humanas. Essa área do saber dedica-se a propor o diálogo entre os “conhecimentos científicos” e os “saberes tradicionais” (DIEGUES, 2000). Pensando dessa forma a pesquisa etnobiológica parte das necessidades das comunidades em questão, e deve lhe retornar resultados que auxiliem na manutenção dos saberes. Considerando que além de manter este diálogo, também deve haver um esforço para a valorização da construção do conhecimento a partir de outra concepção de mundo.

O universo de pesquisa deste trabalho são as comunidades quilombolas, constituídas historicamente a partir de diversas formas de resistência ao regime da escravidão e ao preconceito e discriminação que se seguiu a ele, e estabeleceram um sistema de organização, que fez com que mesmo hoje, em constante processo de mudança, ainda apresentem características que os determinam como grupo étnico específico. A pesquisa em andamento vem sendo realizada em três comunidades quilombolas (Fazenda Cachoeira, Maçambique e Monjolo), situadas nos municípios de Piratini, Canguçu e São Lourenço do Sul, na busca de reconhecer alguns dos saberes tradicionais dos membros da comunidade a respeito da sua relação com a natureza. Esta pesquisa faz parte do projeto “Territórios negros na região central e na região das antigas charqueadas do RS: fluxos de memórias e fronteiras étnicas em uma perspectiva comparativa”, coordenado pela professora

Rosane Aparecida Rubet, por meio do qual se estabeleceu um convênio com a Superintendência Regional do INCRA com vistas à realização de relatórios técnicos para identificação e delimitação dos territórios destas comunidades.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa está sendo realizada através de exercícios etnográficos nestas comunidades. O método etnográfico, característico da Antropologia, possibilita a interação com o grupo, e permite uma análise que responde à complexidade das relações do grupo com o meio natural, para que não corramos o risco de nos restringirmos às respostas binárias que não respondem verdadeiramente à realidade (Coelho de Souza et al, 2009). Em saídas de campo até às comunidades, através de entrevistas e anotações de diálogos em diários de campo, busca-se apreender os componentes da flora e da fauna que são manejados historicamente por estas comunidades seja para fins produtivos/alimentar, seja para fins curativos ou lúdicos.

Outro procedimento de pesquisa utilizado tem sido percorrer o território tradicionalmente ocupado para fins de conhecimento dos habitats de plantas e animais, cultivados/domesticados ou nativos. Com o auxílio de uma tabela de sistematização (Tab. 1) e do registro fotográfico, tem sido possível fazer a análise de algumas formas de classificação dos usos atribuídos a alguns elementos do meio natural pelos integrantes destas comunidades.

Tabela 1 - Ilustração da tabela de sistematização com dados da Comunidade Fazenda Cachoeira

Nome da planta	Utilidade	Formas de uso	Habitat	Origem	Interlocutor
Cambarazinho	Gripe; bronquite	Xarope (folhas)	Beiras de lajeados	Nativa	Valdemar
Maçanilha	Calmante para crianças	Chá (flor)	Quintal e campos	Nativa	Cleni
Aipo	Gripe	Xarope	Banhado	Nativa	Valdemar
Quebra-pedra (erva rasteira)	Rins; pedra na vesícula	Chimarrão; chá	Lajeados	Nativa	Valdemar; Cleni
Arnica	Bexiga	Chá	Campo	Nativa	Cleni

Houve a preferência por sujeitos mais velhos por estarem há mais tempo vivendo sob o conjunto de costumes do grupo, e por serem culturalmente os detentores dos *saberes tradicionais*. Sem perder de vista também os adultos que estão em atividade, e que são os que exercem praticamente a confecção de artesanatos, o plantio, a produção de chás e manejo em geral do ambiente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ainda está em andamento, visto que faz parte do Monografia de Conclusão de Curso. Das entrevistas foi possível analisar que as relações com a natureza estão presentes no cotidiano, nas atividades de plantio, produção, cura e confecção de artesanatos.

Há o plantio que é, principalmente para a Comunidade de Maçambique, a maneira de subsistência, principalmente o plantio de feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea Mays*). Acrescidos da plantação em vista do consumo familiar de uma

série de hortaliças. Atualmente a plantação enfrenta problemas em vista do confronto com o modelo de desenvolvimento marcado pela *silvicultura*, que vem se fortalecendo na região. Produção essa que além de prejudicar a biodiversidade nativa do Bioma Pampa, ainda interfere diretamente na pequena agricultura da comunidade.

A produção de artesanato também é muito característica, nas três comunidades. O uso do cipó, da palha do milho, e de outros materiais de origem vegetal, é muito comum na fabricação de *cestos* e *balaios*. Ainda em uma das comunidades, um dos senhores mais velhos fabrica cordas, de *embira*. Essas cordas segundo ele, não ferem o gado no enlace.

E ainda a horta e quintais onde há a plantação de diversas espécies curativas e protetoras como, a malva, o funcho, o capim-cidrão, o cipó milongue, cambrazinho, maçanilha, aipo, quebra-pedra, arnica, que são plantadas e cultivadas tendo função medicinal de cura, com a produção de diversos chás para variadas enfermidades, dados que puderam ser coletados com o auxílio de uma tabela de sistematização. E ainda as árvores frutíferas que ocupam por gerações suas terras, e que ainda produzem frutos que são consumidos pelos moradores.

Essa relação direta e estreita com a natureza faz com que estes grupos tenham a preocupação, mesmo que indireta, na preservação da biodiversidade local. Faz com que os habitantes da comunidade percebam o decréscimo do número de espécies, e que esse seja também relacionado com a não manutenção de alguns de seus modos de fazer. Também é possível aos moradores perceberem que outros modelos de desenvolvimento que se aproximam da região, como por exemplo a *silvicultura*, além de estarem relacionados com a perda de seu território, possuem uma ligação direta com a perda de biodiversidade.

Essa concepção de natureza das comunidades é uma lógica diferente da nossa maneira utilitarista de ver o meio natural. As comunidades constituem assim um sistema próprio de organização e visão dos demais seres vivos.

4 CONCLUSÃO

Através da pesquisa está sendo possível perceber que há claramente uma ligação entre sociodiversidade e biodiversidade. As comunidades tradicionais apresentam uma forma peculiar de relacionamento com a natureza, não uma relação ingênua que seja totalmente harmônica, mas uma relação de sujeitos que é menos destruidora que a lógica do sistema que estamos acostumados. Porque parte de uma cosmovisão diferente do que está a sua volta.

Ainda resta muito trabalho e construção pela frente, porém é possível já perceber que pode-se pensar uma outra lógica de preservação ambiental que não seja necessariamente de exclusão do ser humano para manutenção do resto da biodiversidade (DIEGUES, 1998). Mas que seja de interdependência, e não a lógica de exploração dos recursos naturais como se fossem infinitos. O que é um equívoco, e já estamos presenciando os danos desse tipo de relação. Valorizar as relações que grupos como as comunidades remanescentes de quilombos estabelecem com a natureza, é perceber outra lógica de manutenção da vida, outra maneira de ver o mundo.

5 REFERÊNCIAS

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

COELHO de SOUZA, Gabriela et al. Etnobiologia, multidisciplinaridade e extensão: conflitos de uso dos recursos naturais e a etnoconservação. In: ARAÚJO, Thiago et al. **Encontros e Desencontros na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica: os desafios do trabalho em campo**. Pernambuco: Editora NUPEEA, 2009. p. 45-74.

DIEGUES, Antônio Carlos. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec/Nupaub-USP, 2000. p. 01-43.

LITTLE, Paul E. **Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade**. São Paulo: Editora Annablume, 2010.